



Psicoterapia de crianças: o brincar como método de tratamento psicanalítico

Maiara Castro de Freitas¹

¹Psicóloga formada pela URI – Campus Santiago e pós-graduanda em Psicologia Clínica na Unisinos. E-mail: freitas_may@hotmail.com

RESUMO: Nos últimos anos houve expansão no número de trabalhos dedicados ao atendimento infantil. No entanto, ainda há necessidade de subsidiar os clínicos interessados na área, zelando pela qualificação das intervenções empreendidas na psicoterapia de crianças, visto que esta se apresenta como um método distinto ao realizado com adultos. Deste modo, este artigo teve como objetivo realizar um estudo teórico sobre o brincar e sua importância para a prática psicanalítica com crianças, enquanto método de tratamento clínico. Percebeu-se que o brincar, deve ser compreendido como instrumento fundamental à observação e ao atendimento com crianças, pois viabiliza ao terapeuta entender o funcionamento e a realidade psíquica da mesma, de modo a favorecer a resolução de seus conflitos e ao seu desenvolvimento saudável. Além disso, o brincar compartilhado entre paciente e terapeuta, possibilita que transformações significativas na vida do paciente possam ocorrer. Espera-se, portanto, com esse estudo, tecer contribuições e instigar reflexões ao aprimoramento e expansão da prática clínica com crianças.

Palavras-chave: Brincar, criança, psicoterapia psicanalítica.



Psychotherapy with children: playing as a method of psychoanalytic treatment

ABSTRACT: Over the last years, there has been an increase in the number of researches focused on childcare. However, there is still a need of subsidizing clinicians in the field, ensuring the qualification of interventions undertaken in psychotherapy with children, since such method differs from the one performed with adults. Thus, this paper aimed to carry out a theoretical study on playing and its importance for psychoanalytic practice with children, as a method of clinical treatment. It was noticed that playing should be understood as a fundamental instrument for observation and childcare, as it enables the therapist to understand the functioning and the psychic reality of such patient, leading to the resolution of their conflicts as well as their healthy development. In addition, shared play between patient and therapist enables significant transformations in the patient's life. This study is therefore expected to make contributions and instigate reflections to the improvement and expansion of the clinical practice with children.

Key words: Playing, child, psychoanalytic psychotherapy.

Introdução

Durante o passar dos anos, houve sucessivas mudanças na concepção do brincar na psicanálise de crianças. É possível constatar a existência de um número expressivo de trabalhos e pesquisas dedicados ao atendimento infantil (FELICE, 2003; SEI & CINTRA, 2013; SCHMIDT & NUNES, 2014). No entanto, essa modalidade de atendimento psicoterapêutico constantemente nos leva a inúmeras questões sobre as especificidades deste método clínico. Para auxiliar na compreensão e facilitar a elaboração dos processos psíquicos, é necessário lançar mão de reflexões sobre a técnica mais efetiva para adentrar esse mundo e, conseqüentemente, ajudar no desenvolvimento da criança (FELICE, 2003).

Assim sendo, o brincar surge como instrumento fundamental à psicoterapia psicanalítica de crianças, visto que por meio dele a criança pode ampliar seu



conhecimento e psiquismo, desenvolvendo também, sua capacidade motora (SCHMIDT & NUNES, 2014). O brincar é ainda considerado uma atividade recheada de sentido, uma via para a manifestação e elaboração de situações traumáticas para o ego, assim como para a expressão de fantasias e desejos de forma simbólica (ABERASTURY, 1982).

Neste sentido, objetiva-se, por meio deste trabalho, realizar um estudo teórico acerca da importância do brincar na psicoterapia de crianças enquanto método de tratamento psicanalítico. Entende-se que essa modalidade terapêutica se apresenta como uma técnica particular e distinta ao trabalho realizado com adultos. Exige, portanto, do profissional psicólogo, reflexões e aprimoramento constantes das práticas empregadas na psicoterapia infantil.

Refletir sobre a clínica psicológica, suas técnicas, variadas formas de intervenções e efetividade desses mecanismos na psicoterapia de crianças é algo ainda bastante pertinente e que promove o desejo de constituição desse estudo. Pensar a respeito da psicoterapia infantil e suas técnicas exige que possamos recapitular sua origem e entender os elementos que norteiam sua constituição. Logo, apesar do número expressivo de estudos teóricos existentes sobre a temática do brincar na psicoterapia psicanalítica infantil, acredita-se ser relevante retomar às origens e desenvolvimento da psicoterapia de crianças para perceber as mudanças ocorridas na técnica e adaptações realizadas durante o passar do tempo, os quais contribuíram para expansão da prática clínica com crianças. Espera-se, também, tecer reflexões acerca dessa prática na atualidade.

Adicionalmente, devem-se considerar também as experiências da autora enquanto terapeuta de crianças e as inquietações que decorrem dessa vivência singular e repleta de simbolismo, frequentemente acompanhada de dúvidas, intensas descobertas e amadurecimento profissional. Parte-se, portanto, do pressuposto de que o brincar possibilita o encontro entre paciente e terapeuta, facilita o crescimento e comunicação na psicoterapia. Hoje, é consenso entre os profissionais sobre a pertinência e eficácia de sua utilização no atendimento de crianças, mas nem sempre foi assim. Neste sentido, espera-se, por meio desse estudo teórico, contribuir com o campo da prática clínica com crianças,



evidenciando as transformações da técnica do brincar, sua importância e legitimidade enquanto método de tratamento clínico.

Material e Discussão

Psicoterapia Psicanalítica com Crianças

A psicoterapia psicanalítica é considerada uma abordagem terapêutica originada da psicanálise e, portanto, sustenta seus pressupostos teóricos nos processos mentais inconscientes, fundamentados originalmente por Sigmund Freud. Logo, os tratamentos psicanalíticos visam evidenciar como fatores inconscientes influenciam os relacionamentos e padrões de comportamentos dos indivíduos, revelando como se originam e podem mudar ao longo da vida (GABBARD, 2007; IPA, 2013).

Busca-se, ainda, possibilitar aos sujeitos a ampliação de seu entendimento sobre seu funcionamento, o que resulta no uso de defesas mais maduras e na melhora dos padrões das relações objetais (EIZIRIK & HAUCK, 2008). No que concerne à psicoterapia psicanalítica com crianças, trata-se de uma forma de tratamento interpretativo e especializado com base na teoria psicanalítica (URWIN, ANDERSON, GRAINGER, MIDGLEY, & NESIC-VUCKOVIC, 2009). Seu objetivo compreende a resolução dos sintomas, modificação do comportamento, certo grau de mudança estrutural da personalidade e o retorno da criança aos impulsos desenvolvimentais normais (GLENN, 1996).

A psicoterapia de crianças é, portanto, uma intervenção que busca atender a problemas diversos, os quais causam estresse emocional e interferem na rotina da criança. Isso pode vir a dificultar e ameaçar o aumento de habilidades adaptativas e o bem-estar da criança e dos que a cercam (DEAKIN & NUNES, 2008). Assim, torna-se aspecto fundamental do tratamento de crianças a interpretação, a verbalização e o esclarecimento das pulsões e das defesas conflitantes do paciente (SOURS, 1996).

A sustentação teórica da psicoterapia de crianças tem sua base na teoria e na prática da psicanálise e da psicologia dinâmica. Assim, constata-se que Freud



foi o pioneiro nas intervenções terapêuticas com crianças. Ele descreveu o processo psicoterapêutico de um menino que tinha fobia de cavalos, o pequeno Hans. Embora tais intervenções tenham ocorrido de forma indireta, pois Freud nunca atendeu o menino e o processo aconteceu por meio do contato com o pai, pode-se dizer que é a ele a quem se deve o reconhecimento da importância dos dinamismos psíquicos da criança (BRUM et al., 2012; DEAKIN & NUNES, 2008). No entanto, devemos lembrar que as descobertas de Freud a respeito das crianças ocorreram por meio do atendimento de adultos. Somente por meio da análise destes é que Freud observou que as primeiras causas de transtornos se localizavam em aspectos da infância (ABERASTURY, 1996).

Freud acreditava que um dos pais é que conseguiria auxiliar no tratamento de crianças. No caso do pequeno Hans, os impulsos e desejos sexuais dele foram as características fundamentais que auxiliaram Freud na elaboração de suas hipóteses. Ele as relacionou aos aspectos fóbicos e no entendimento psicanalítico das brincadeiras do menino. Com exceção deste caso, Freud não descreveu a análise de crianças e também não retratou a experiência sobre a utilização do jogo no tratamento enquanto técnica na psicoterapia de crianças (COSTA, 2010; STRAGLIOTTO, 2008).

Cabe, no entanto, destacar que em 1920, diante de observações de uma brincadeira concebida pelo seu neto que possuía 18 meses de idade, ele retratou a dinâmica do brincar em “Além do Princípio do Prazer”. Esta experiência revela que o menino tinha o hábito de jogar objetos para um canto, emitindo um som de “ó”, expressando interesse. Esse jogo de atirar longe os brinquedos poderia ter o sentido de ir embora junto com eles. A descrição desse exercício de desaparecer e aparecer ficou conhecida como *fort-da* (FREUD, 1920).

A compreensão dessa dinâmica envolve o sentido de que o menino transportava para o externo seus medos, raiva e angústias, dominando-os através da ação. Assim, este desaparecimento e volta de seu brinquedo, o carretel, relacionava-se com a ausência e chegada de sua mãe (FREUD, 1909/1996). Neste sentido, compreende-se que a criança brinca para elaborar aquilo que lhe foi sentido como traumático. A função do brinquedo, por conseguinte, é auxiliar a



criança a transformar a passividade em atividade, substituindo a vivência desagradável para a brincadeira. Deste modo, a criança é capaz de reproduzir e/ou modificar a situação, elaborando-a em sua mente (CONTI & SOUZA, 2010; STRAGLIOTTO, 2008).

Apesar dessas importantes constatações, Freud não chegou a se aprofundar a respeito da utilização da técnica infantil. Subsequentes às suas contribuições, passaram a sistematizar o trabalho clínico com crianças Ana Freud, Melanie Klein e Donald Winnicott (ZIMERMAN, 2004). Sendo assim, para entender o desenvolvimento e expansão da técnica do brincar na psicoterapia psicanalítica de crianças, serão destacadas as principais ideias e contribuições de cada um desses autores mencionados anteriormente. Veremos que algumas dessas concepções parecem contrapor-se ao desenvolvimento inicial concebido por Freud, mas envolvem a continuidade de seus estudos, adaptação e ampliação de sua teoria. Esses autores aproximam-se, no sentido de tecer subsídios preciosos a respeito do brincar e ao entendimento deste como modalidade de tratamento psicanalítico.

Inicialmente, pode-se pensar em Anna Freud (1971), a qual não acreditava poder estabelecer com a criança uma relação transferencial, tampouco, que a mesma pudesse associar livremente. Ela pensava que devido a sua imaturidade psíquica, as crianças seriam desprovidas dessa capacidade. Assim, defendia a associação da abordagem psicanalítica com uma ação educativa. Anna Freud era, portanto, oposta a ideia do jogo/brincar infatil como instrumento técnico analítico na psicoterapia de crianças, entendendo o brincar como atividade expressiva, não representativa e não simbólica (FREUD, 1927).

Em suas sessões, Anna fazia uso da interpretação dos sonhos e desenhos, com pouca ênfase à atividade lúdica e sua compreensão. Seu principal interesse era o ego e seu modo de funcionamento (AVELLAR, 2004). Anna Freud concebia o jogo como técnica complementar que elucidaria os impulsos do id, mas não consentiria ver como funcionava o ego. Diante disso, Anna buscou a outras formas, as quais informavam o funcionamento do ego via exame de transformações de afeto (SEI & CINTRA, 2013). Ela acreditava que as



manifestações hostis que a criança possuía em relação ao terapeuta eram advindas da consequência da relação positiva que a mesma tinha com os pais e não como aspecto próprio da transferência. Assim, Anna Freud publicou em 1965 um livro intitulado “Infância normal e patológica” em que apresenta um estudo detalhado sobre as condições de saúde e de doença na infância (SCHMIDT & NUNES, 2014).

Outra importante autora na área da Psicanálise Infantil foi Melanie Klein, a qual destacou o lúdico não somente como expressão simbólica de ansiedades e angústias iniciais vivenciadas pelo bebê em seu processo de desenvolvimento. Foi Klein quem tornou possível a aplicação do método psicanalítico ao tratamento infantil e a pacientes psicóticos. Ela expandiu o poder de resultados dos problemas clínicos, introduziu o método lúdico e ampliou o campo de análise à infância. Por entender o brincar como uma forma da criança expressar seu mundo interno, Klein utilizava a interpretação da brincadeira para interpretar conteúdos das fantasias inconscientes, que somente a brincadeira evidenciava possível apreender diante de seu vasto simbolismo (FULGENCIO, 2008).

Para Klein (1926/1996), a brincadeira é uma forma de acesso ao inconsciente, visto que quando brinca, a criança “fala e diz toda sorte de coisas que tem o valor de associações genuínas”, do mesmo modo como um adulto concebe associações aos elementos de seu sonho (Klein, 1926/1996, p.159). Assim, entende-se que o método é igual ao de análise com adultos, porém a técnica precisa ser moldada ao psiquismo da criança, a qual se comunica via brincadeira. Não há um aparelho mental desenvolvido na criança de forma que ela seja capaz de expressar-se através de palavras. Klein (1927/1996) acreditava que a ansiedade impedia que as associações verbais ocorressem e a representação por meio do brinquedo encontrava-se menos investida por essa ansiedade. Deste modo, a autora propôs a análise da transferência a partir de interpretações sucintas e claras, de forma a basear-se nas expressões próprias da criança para mencionar sua expressividade com o brinquedo e simbolismos.

A obra de Melanie Klein representou um maior impacto quando comparada a outras obras que tratam de psicanálise em crianças. Isso se deve à introdução



de novos e importantes conceitos devendo-se ressaltar que esta autora interpretou de forma profunda o material expressado pela criança, valorizando o jogo (AVELLAR, 2004). Em sua concepção, a análise desses conteúdos deveria promover uma gradual modificação da severidade do ego. Assim, a transferência tornava-se o instrumento crucial no reconhecimento daquilo que se passa na mente da criança (SEI & CINTRA, 2013).

Deve-se reconhecer que as fundamentações teórico-técnicas promovidas por Anna Freud e Melanie Klein perduraram por muito tempo. Todavia, com o passar dos anos, outro autor também adquiriu grande influência no campo da psicanálise de crianças. Donald Winnicott, pediatra e psicanalista, teceu importantes constatações a partir de suas vivência na Pediatria. Ele acompanhou o desenvolvimento físico e emocional de inúmeras crianças e, a partir de suas observações, enfatizou o jogo como aspecto fundamental no trabalho analítico (AVELLAR, 2004). Winnicott identificava o brincar como um elemento universal da natureza humana, mesmo que nem todos estivessem passíveis a essa oportunidade e/ou possibilidade (WINNICOTT, 1968). Considerava o brincar em si mesmo, psicoterapêutico. Ele acreditava que, no brincar, e talvez, somente no brincar, é que a criança e o adulto podem desfrutar de sua liberdade de criação (WINNICOTT, 1975).

A compreensão do brincar para Winnicott (1975) se deu a partir do desenvolvimento daquilo que advém dos fenômenos transicionais. Assim sendo, o período transicional é entedido como o momento em que a criança inicia a separar-se da mãe. Essa separação já vem acontecendo com o desmame. A criança, então, começa a substituir a mãe por alguma outra coisa. Para que isso seja possível, é necessário que ocorram condições anteriores a esse momento. O ambiente precisa ter se adaptado as necessidades do bebê de tal modo que ele possa ter adquirido uma confiança em si mesmo e no mundo.

Logo, o objeto não é, naturalmente, transicional, mas sim, uma representação de como a criança se relaciona com o mundo. Esse objeto, conseqüentemente, representa a transição da criança de um estado fusionado com a mãe para um estado em que se encontra em relação com ela como algo



externo e separado. Assim surge a capacidade de brincar, demonstrando para Winnicott também uma forma de o ser humano encontrar a si mesmo. Essa capacidade ou possibilidade, no entanto, é sempre instável e depende das condições ambientais e pessoais (WINNICOTT, 1975).

Neste sentido, o *setting* analítico assume uma importante função no processo, pois é neste ambiente que o paciente tem a possibilidade de retomar sua criatividade com a emergência do gesto espontâneo. Logo, a prática do terapeuta implica a necessidade de possibilitar à criança a abertura para o desenvolvimento de suas experiências criativas. Portanto, a atividade lúdica, por meio do brincar, permite ao paciente a oportunidade de expressar-se livremente, de modo a fortalecer-se e constituir seu *self* (AVELLAR, 2004; SEI & CINTRA, 2013).

A partir do exposto anteriormente, é possível observar o crescimento no estudo e concepções dedicados ao brincar e a psicoterapia psicanalítica de crianças. Gutfreind (2009) propõe que se refletirmos em termos evolutivos da psicanálise com crianças, Freud ocupa a posição de pioneiro, de modo que diante de Melanie Klein, os atendimentos são diretos, e com Winnicott, são lúdicos. É inegável que as influências dos autores clássicos apresentados anteriormente ainda é grande na prática clínica contemporânea com crianças. Muitas dessas ideias retratadas inicialmente por eles ampliaram-se, sofreram transformações, desenvolvimento e ajustes aos diversos contextos, seja no que diz respeito ao desenvolvimento emocional, ao brincar e aos fenômenos presentes no *setting* (SEI, SOUZA & ARRUDA, 2008). Deste modo, no decorrer dos anos, evidencia-se que os estudos passaram a dedicar-se, além do desenvolvimento psíquico infantil, por exemplo, às interações pais-bebês.

O desenvolvimento da criança a partir do brincar

O acesso aos conteúdos inconscientes da criança necessita de recursos que possam ir além da palavra. As crianças pequenas, diferentemente do que ocorre com os adultos, apresentam geralmente uma verbalização escassa. Isso implica a necessidade de uma inovação técnica que possa favorecer uma



intercomunicação mais significativa e expressiva (SILVA & YAMAMOTO, 2012). Assim, torna-se fundamental recorrer ao lúdico como forma de compreender a realidade psíquica da criança e auxiliá-la no entendimento e resolução de seus conflitos (PARSONS, 2001).

Considerando a história do surgimento da clínica psicanalítica com crianças e a importância dos autores mencionados anteriormente, tais como Anna Freud, Melanie Klein e Donald Winnicott, os quais contribuíram para o estudo da análise com crianças e enfatizaram o brincar como expressão do psiquismo, buscar-se-a tecer reflexões, nesse momento, a respeito do desenvolvimento da criança a partir do brincar. Parte-se do pressuposto de que a criança, muito além de brincar para repetir situações satisfatórias, o faz para, também elaborar aquilo que foi sentido como traumático (STRAGLIOTTO, 2008).

Nesta perspectiva, acredita-se que quando brinca, a criança constitui representações e encena versões a partir de suas próprias experiências. Seu jogo, ações e comportamentos tornam-se seu meio de expressão (STRAGLIOTTO, 2008). Logo, por meio da técnica do brincar, é permitido à criança sentir, viver e reviver experiências relacionais com o mundo exterior e também com ela mesma. Gradualmente, funda-se um espaço imaginário e diante disso é possível diferenciar e elaborar partes do mundo de faz-de-conta e aquilo que se vincula ao seu mundo exterior (LEVISKY, 2006). A criança traz para a brincadeira fatos da sua realidade externa, de modo que o brincar auxilia na sua constituição. Deste modo, toda atividade executada nesse período associa-se a seu desenvolvimento físico e emocional, envolvendo caráter de produção e processo (REGHELIN, 2008; BALEEIRO, 2007).

Estudos realizados sobre o brincar no decorrer dos anos indicam sua importância ao desenvolvimento global da criança. Este está relacionado a aspectos do desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e físico (MORAIS, 2004; SOUZA & VIEIRA, 2004). O brincar permite acesso ao mundo inconsciente da criança e constitui um meio para que ela e o terapeuta se encontrem. Deste modo, o faz-de-conta proporciona a elaboração de fantasias do mundo interno e subjetivo da criança para o mundo objetivo e externo. O brincar é, assim, crucial para o



desenvolvimento emocional infantil (WINNICOTT, 1975). Além disso, também se deve avaliar a importância do meio a esse desenvolvimento, que inicialmente é caracterizado pela família. Em consequência da falta de um ambiente adequado as suas necessidades, a criança pode desenvolver patologias diversas que, para Winnicott (1994, p. 16), "reflete doença em um ou ambos os pais ou na situação social, sendo isso que necessita de atenção" (SEI, SOUZA, & ARRUDA, 2008).

Nesta direção, considera-se que o simbolismo, no brincar, funciona como meio significativo da criança de comunicação e representação de seus estados internos e afetos. Logo, a capacidade que ela tem de simbolizar e de conservar essa capacidade através da livre brincadeira, mesmo que diante do enfrentamento de situações adversas, denota a qualidade do funcionamento psíquico da mesma e diferencia saúde mental de patologia (DUARTE, BORNHOLDT & CASTRO, 1989).

Além de propiciar um bom desenvolvimento, o ato de brincar ajuda a criança a incorporar valores morais e culturais, contribuindo para que esteja preparada para enfrentar o meio social. Assim, o incremento de emoções e inteligência estão pautados pelas brincadeiras espontaneas que auxiliam a criança a ampliar sua sociabilidade, vontades e individualidade. A criança que brinca é aquela que teve uma boa elaboração do espaço potencial com sua mãe, aprendeu a estar sozinha e elaborou a capacidade de criatividade, sendo, portanto, uma criança saudável. Já a criança que não brinca, ou o faz de maneira compulsiva e repetida, pode estar sinalizando sofrimento psíquico, acompanhado frequentemente da ameaça de uma forte angústia (COSTA, 2010), os quais devem ser contemplados e monitorados.

A partir do jogo é que se torna possível observar repetições de experiências da vida real e do cotidiano da criança, os quais se mostram entrelaçados às fantasias. Assim, de acordo com Winnicott (1975), o brincar constitui uma forma básica de viver, universal e própria da expressão de saúde, capaz de facilitar e conduzir ao crescimento e a relacionamentos grupais. Por meio dele, a criança expressa conteúdos importantes de suas fantasias infantis que devem ser relacionadas e entendidas diante de uma função dinâmica e expressiva de seus



conflitos (FULGENCIO, 2008). Assim, entende-se que o brincar na psicoterapia psicanalítica funciona como uma técnica própria ao atendimento de crianças, que muito além de favorecer a comunicação entre paciente e terapeuta, propicia que seus conflitos sejam expressos e elaborados.

O brincar terapêutico: método de tratamento psicanalítico

No contexto atual, verifica-se que parte significativa de sujeitos que carecem de assistência psicológica é constituída por crianças de diferentes faixas etárias (OMS, 2003). Tal demanda implica que as intervenções possam atender a uma variada gama de situações, assim como evidencia a relevância de estudos sistemáticos em psicoterapia que comprovem os efeitos distintos das diferentes técnicas e tratamentos. Neste sentido, o trabalho com crianças possui importância indubitável, pois representa uma forma de prevenção contra o agravamento e cronificação de distúrbios que possam afetar de forma considerável o desenvolvimento do indivíduo (OLIVEIRA, 2012).

Diante disso, constata-se que muito se tem estudado e considerado a respeito do brincar como forma de psicoterapia infantil (CONTI & SOUZA, 2010), pois através dele e de forma simbólica, a criança expressa suas fantasias, desejos e experiências reais (SIMON & YAMAMOTO, 2012). Deste modo, identifica-se que o brincar emerge como instrumento crucial à observação e ao atendimento psicanalítico infantil na medida em que retrata vivências infantis repletas de significados (SANTOS, 2000).

Em vista disso, acredita-se que, além do brincar, atividades gráficas e outras formas de comunicação são convenientes ao passo que, enquanto instrumentos, auxiliam terapeutas a acessar o mundo psíquico infantil. Logo, entende-se que o material lúdico favorece a expressão de conteúdos internos e é capaz ainda de possibilitar e promover os resultados na psicoterapia psicanalítica de crianças (SEI & CINTRA, 2013).

O brincar se faz sempre presente na relação entre terapeuta e criança, de modo que as fantasias vigentes nas relações interpessoais venham a ser expressas por meio da técnica, na brincadeira, e podem comunicar conflitos



internos vivenciados pela criança. Deste modo, o brincar é entendido como uma atividade que promove a manifestação das angústias, como expressão do psiquismo infantil (CONTI & SOUZA, 2010) e dá a possibilidade de que experiências traumáticas possam ser ressignificadas.

Atualmente, percebe-se que a técnica de psicoterapia com crianças sofreu modificações e adaptações. A psicoterapia passou a ser exercida por psicólogos e não mais por médicos. Hoje em dia, conduzem-se entrevistas com os pais, o que permitiu a coleta de informações importantes sobre a criança e a família, auxiliando no entendimento e avaliação de cada caso. Além disso, permite que o vínculo seja estendido e que os pais atuem como co-participantes do processo, auxiliando no desenvolvimento e alcance de resultados da psicoterapia (STURMER & CASTRO, 2009; STURMER, RUARO, & SARAIVA, 2009).

Ao buscar atendimento para os filhos, os pais podem acreditar que irão receber críticas e acusações. Isso ocorre em função do alto valor atribuído pela sociedade ao atendimento infantil e aos cuidados adequados providos pelos cuidadores primários. Deste modo, torna-se importante que os pais compreendam a função da psicoterapia, assim como as dificuldades apresentadas pela criança após a indicação para terapia individual. Ao psicólogo cabe realizar, portanto, um trabalho integrado de orientação com os pais no sentido de conter angústias ameaçadoras e turbulentas, transformando-as em apaziguamento e compreensão. Por meio desta intervenção do terapeuta com os pais, estes últimos podem auxiliar seus filhos contendo as angústias deles, auxiliando na promoção de sua autonomia e desenvolvimento da psicoterapia. Em algumas situações, esse acompanhamento e orientação aos pais trazem benefícios ao atendimento, mostrando-se suficiente para o bom desenvolvimento do processo. No entanto, há casos em que se deve lançar mão de outras estratégias no sentido de compreender as demandas dos pais e realizar possíveis encaminhamentos à psicoterapia destes ou aquilo que for sentido e percebido como necessário (SEI, SOUZA, & ARRUDA, 2008).

Outro aspecto a ser considerado é que muitas crianças, hoje, chegam à psicoterapia conversando e dialogando, sendo que antes isso quase não ocorria.



Elas parecem ter superado os obstáculos na colocação de palavras e passaram a expressar o que sentem. No entanto, também se observa que muitas delas, ao falar sobre seus medos, sintomas, aflições, choros e brigas, não conseguem brincar, evidenciando que algo está problemático em seu desenvolvimento (MEIRA, 2003). Cabe ao terapeuta, portanto, ajudar essa criança a brincar e simbolizar, de modo que possa, através do brinquedo, elaborar suas angústias e ressignificar suas experiências traumáticas.

Sabe-se que na atualidade, o brincar é marcado por uma nova era: a da tecnologia. As crianças não costumam envolver-se tanto mais com os brinquedos e brincadeiras tradicionais. O brincar parece estar ficando em segundo plano ou estar sendo usado apenas como um modo de entreter e ocupar o tempo ocioso das crianças. Nota-se que os brinquedos parecem ter perdido seu valor lúdico e real significado, dando lugar à condição de objeto simples, que não raramente, aparece exposto como decoração ou enfeite fora do alcance da criança e também de seu uso real. A televisão, o video-game e a internet vem ganhando um espaço muito grande no cotidiano das pessoas e isso faz com que o terapeuta tenha de se adaptar a essa nova realidade, no sentido de repensar o *setting* terapêutico e o uso de suas ferramentas para acessar o novo universo infantil (BERNARDI, 2016).

Considerações Finais

A Psicanálise de Crianças, ao longo dos anos, vem sendo expandida tanto em relação à teoria quanto a técnicas e intervenções utilizadas. Desde o tempo de Freud, seu fundador, muitos outros autores surgiram, realizando adaptações e ampliações de suas teorias, o que implicou em uma extensão da psicoterapia de crianças. O entendimento do brincar evoluiu e este passou a ser compreendido como uma atividade importante que possui papel estruturante, função simbólica, subjetiva e vital no desenvolvimento saudável da criança.

O brincar é considerado um instrumento importante na psicoterapia psicanalítica de crianças, capaz de auxiliar no desenvolvimento da criança ao proporcionar a expressão de seu mundo interno. Por meio do brincar, a criança



tem a possibilidade de exprimir suas fantasias e conflitos de modo que, na psicoterapia, através da relação com o terapeuta, é propiciado que elabore aspectos de insatisfação com a realidade e possa transformar e/ou ressignificar suas experiências traumáticas. Além disso, através da brincadeira, a criança pode aprender a experimentar a partilhar do contato social, exercendo criatividade e adquirindo plasticidade psíquica, fundamental a toda sua vida.

Atualmente, vivemos em uma época de globalização e imediatismo, onde os brinquedos passaram a fazer parte de um mundo tecnológico e moderno. Isso repercute na psicoterapia, fazendo com que o terapeuta de crianças tenha de estar atento à rapidez da informatização e meios de comunicação, lançando mão de novas estratégias para acessar o mundo infantil que hoje se estabelece. É preciso estar acessível e disponível, incentivando o desenvolvimento saudável e envolvendo os pais no atendimento. Estes devem auxiliar como co-participantes do processo, estabelecendo uma aliança com o terapeuta, permitindo o bom andamento e resultados favoráveis da psicoterapia.

Referências Bibliográficas

ABERASTURY, A. 1982. **Psicanálise da criança: teoria e técnica**. Porto Alegre: Artmed.

_____. **Abordagens à Psicanálise de Crianças**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

AVELLAR, L. Z. 2004. **Jogando na Análise de Crianças: Intervir-Interpretar na Abordagem Winnicottiana**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

BALEEIRO, M. C. 2007. Brincar: aquém e além do carretel. **Cógito**, v. 8. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-94792007000100003&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 21 de nov. de 2016.



BERNARDI, D. 2016. Reflexões acerca do brincar e seu lugar no infantil. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v.18, n.1, p. 82-92.

BRUM, E. H. M. et al. 2012. Evolução dos modelos de pesquisa em psicoterapia. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v.29, n.2, p.259-269.

CONTI, F. D. & SOUZA, A. S. L. 2010. O momento do brincar no Ato de Contar Histórias: Uma modalidade diagnóstica. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.30, n.1, p.98-113. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282021781008>>. Acesso em: 11 de out. de 2016.

COSTA, T. 2010. **Psicanálise com crianças**. – 3.ed.Rio de Janeiro: Zahar.

DEAKIN, E. K. & NUNES, M. L. T. 2008. Investigação em psicoterapia com crianças: uma revisão. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, 30 (1, supl. 0), 0-0.

DUARTE, I., BORNHOLDT, I. & CASTRO, M. G. 1989. **A prática da psicoterapia infantil**. Porto Alegre: Artmed.

EIZIRIK, C. L. & HAUCK, S. 2008. Psicanálise e psicoterapia de orientação psicanalítica. In **Psicoterapias: Abordagens atuais** (A.V. Cordioli, Org.). 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed, p.151-166.

FELICE, E. M. 2003. O lugar do brincar na psicanálise de crianças. **Psicologia: Teoria e Prática**, v.5, n.1, p.71-79. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v5n1/v5n1a06.pdf>>. Acesso em: 11 de out. de 2016.

FREUD, S. 1909. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.



_____. 1920. **Além do princípio do prazer**. Obras psicológicas e completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

_____. 1926-1927/1971. **O tratamento psicanalítico de crianças**. Rio de Janeiro: Imago.

FULGENCIO, L. 2008. O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.42, n.1, p.124-136. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v42n1/v42n1a13.pdf>>. Acesso em: 09 de jan. de 2017.

GABBARD, G. 2007. Principais Modalidades: Psicanalítica/Psicodinâmica. In **Compêndio de Psicoterapia de Oxford** (G. O. Gabbard, J. S. Beck & J. Holmes, ed.). Porto Alegre: Artmed, p.14-29.

GLENN, J. 1996. Uma visão geral da técnica analítica de crianças. In **Psicanálise e psicoterapia de crianças**. Porto Alegre: Artmed, p. 7-22.

GUTFREIND, C. 2009. **Narrar, ser pai, ser mãe & outros ensaios sobre a parentalidade**. Rio de Janeiro: Bertrand.

IPA – International Psychoanalytic Association. 2013. **What is psychoanalysis?**. Oficial website. Disponível em: <http://www.ipa.org.uk/en/Psychoanalytic_Knowledge/About_Psychoanalysis/en/Psychoanalytic_Treatment/About_psychoanalysis.aspx?hkey=95f36836-e69a-405f-bcc0-7fca2bb832ce>. Acesso em: 08 de jun. de 2015.

KLEIN, M. 1996. Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas. In Klein, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos** (1921-1945) (pp. 152-163). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicada em 1926).



_____. 1996. Simpósio sobre a análise de crianças. In Klein, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos** (1921-1945) (pp. 164-196). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicada em 1927).

LEVISKY, D. L. 2006. Algumas contribuições da Psicanálise à Psicopedagogia. **Revista de Psicoterapia da Infância e da Adolescência - CEAPIA**, 15. Porto Alegre.

MEIRA, A. M. 2003. Pequenos brinquedos, jogos sem fim - Os sintomas no brincar da criança contemporânea. In: MEIRA, A. M. (Orgs). **Coleção Psicanálise da Criança**. V.1, n.1. Salvador: Ágalma, p. 42-54.

MORAIS, M. L. S. 2004. Conflitos e(m) brincadeiras infantis: Diferenças culturais e de gênero. **Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da USP, Universidade de São Paulo**. São Paulo, SP.

OLIVEIRA, I. T. 2012. Psicoterapia breve psicodinâmica de crianças. In **Psicoterapia breve nos diferentes estágios evolutivos** (M. E. N. Lipp & E. M. P. Yoshida, ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo, p.57-79.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. 2003. **Caring for children and adolescents with mental disorders**. Setting WHO Directions. Geneva.

PARSONS, M. 2001. A lógica do brincar em psicanálise. **Livro anual de psicanálise – XV**. São Paulo: Escuta, p. 89-102.

REGHELIN, M. M. 2008. O uso da caixa de brinquedos na clínica psicanalítica de crianças. **Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade**, n.8, p.167-179. Disponível em: <<http://www.revistacontemporanea.org.br/site/wp-content/artigos/artigo172.pdf>>. Acesso em: 11 de nov. de 2016.

SANTOS, A. C. F. 2000. **Brinquedo terapêutico: um auxílio às crianças hospitalizadas**. [Trabalho acadêmico orientado]. Campina Grande: UEPB.



SEI, M. B. & CINTRA, M. F. V. 2013. Psicanálise de crianças: histórico e reflexões atuais. **Revista da Universidade de Ibirapuera**, v.5, p.1-8. Disponível em: <http://www.revistaunib.com.br/vol5/PSICANALISE_DE_CRIANCAS_HISTORICO_REFLEVOES_ATUAIS.pdf>. Acesso em: 28 de nov. de 2016.

SCHMIDT, M. B. & NUNES, M. L. T. 2014. O brincar como método terapêutico na prática psicanalítica: uma revisão teórica. **Revista de Psicologia da IMED**, v.6, n.1, p.18-24. Disponível em: <<https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/404>>. Acesso em: 05 de dez. de 2016.

SEI, M. B., SOUZA, C. G. P. & ARRUDA, S. L. S. 2008. O sintoma da criança e a dinâmica familiar: orientação de pais na psicoterapia infantil. **Vínculo**, v. 5, n. 2, p. 194-205. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v5n2/v5n2a09.pdf>>. Acesso em: 04 de nov. de 2016.

SIMON, R. & YAMAMOTO, K. 2012. O brincar e a psicanálise. In **Ludodiagnóstico: investigação clínica através do brinquedo** (R. M. L. Affonso, ed.). Porto Alegre: Artmed, p.14-18.

SOURS, J. 1996. Uma abordagem analiticamente orientada à avaliação diagnóstica. In **Psicanálise e psicoterapia de crianças** (J. Glenn, Org.). Porto Alegre: Artmed, p.373-390.

SOUZA, A. & VIEIRA, M. L. 2004. Origens históricas da brincadeira. **Psicologia Brasil**, 2, p.28-33. Acesso em: 23 de jun. de 2016.

STRAGLIOTTO, C. E. B. 2008. Pensando sobre o brincar. **Contemporanea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**, n.5, p. 10-187. Disponível em: <www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php>. Acesso em: 20 de fev. de 2017.



STURMER, A. & CASTRO, M. G. K. A clínica com crianças e adolescentes: o processo psicoterápico. In: _____. (Orgs). **Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica**. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 77-96.

STURMER, A. RUARO, C. K., & SARAIVA, L. A. O lugar dos pais na psicoterapia de crianças e adolescentes. In: CASTRO, M. G. K & STURMER, A (Orgs). **Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica**. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 116-140.

URWIN, C., ANDERSON, J., GRAINGER, E., MIDGLEY, N. & NESIC-VUCKOVIC, T. 2009. Introduction. In **Child psychotherapy and research: new approaches, emerging findings** (Midgley, N., Anderson, J., Grainger, E., Vuckovic-Nesic, T., & Urwin, C., ed.). Nova York, NY: Routledge, p.1-14.

ZIMERMAN, D. E. 2004. **Manual da técnica psicanalítica: uma revisão**. Porto Alegre: Artmed.

WINNICOTT, D. W. 1968. Playing: its theoretical status in the clinical situation. **The international journal of psycho-analysis**, v.49, n.4, p. 591-599. Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/psycinfo/1969-15923-001>>. Acesso em: 14 de mar. de 2016.

_____. 1975. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1975). O brincar: uma exposição teórica. In **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago. _____. 1994b. O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações. In **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas. (Originalmente publicado em 1969).